



José Gabriel Ávila*

Dias de Melo Vive!

1. Foram 13 as canoas baleeiras que se postaram na marca da partida para a regata à vela, sábado passado, por ocasião da Festa da Lira Fraternal Calhetense. Vieram de toda a ilha, revelando que a juventude ainda preserva as antigas tradições integradas nas celebrações festivas.

Contam-se pelos dedos os picarotos vivos que, durante a atividade baleeira, terminada em 1987, assistiam às arriadas e dependeram da atividade industrial da caça ao cachalote. Mesmo assim, na identidade e na memória deste povo perdura o imaginário do passado recente daquela atividade económica, cujos primórdios remontam aos “princípios do século XVII até à primeira metade de oitocentos,” quando “a baleação e comércio de seres humanos já se haviam tornado vitrines comerciais na América do Norte. Elas repercutiram no mercado internacional, inserindo na Nova Inglaterra nas relações de trocas globais durante o nascimento do capitalismo, quando o Atlântico se tornou o epicentro mercantil e interligou os quatro continentes por ele banhados.”¹

Do adro da igreja da Calheta de Nesquim, onde foi colocado o busto do Capitão Anselmo da Silveira – fundador da primeira companhia de caça à baleia nos Açores, com sede naquela localidade, “tendo como sócios George Oliver e Samuel Dabney, (ambos cidadãos americanos residentes no Faial, onde o último era cônsul americano na cidade da Horta).” (...) Por contrato, “os sócios americanos comprometiam-se a fornecer uma canoa devidamente apetrechada para a caça à baleia (linhas, velas e restante palamenta), assumindo o sócio Anselmo da Silveira o comando da canoa, comprometendo-se ainda «a provê-la de um trançador e tripulantes devidamente habilitados e a não desprezar qualquer ocasião oportuna que se oferecesse para apanhar baleias».”²

Segundo E.Ávila, Anselmo fora capitão de baleeira americana por volta de 1852, tendo vivenciado todas as dificuldades por que passava a classe mais baixa da tripulação, nas longas permanências no Atlântico Norte e Sul e noutras paragens longínquas.

No início da revolução industrial, o óleo do cachalote e outros produtos derivados, atingiram grande valor e procura, pois à falta de petróleo, eram utilizados na iluminação, na produção energética e na mecânica.

Segundo Junior, era muito difícil e carregada de perigos a vida a bordo. De tal modo que a maioria das tripulações para além das doenças e da fome, não auferia proventos de monta, pelo que decidia não embarcar novamente. Dessas situações faziam menção, cartas enviadas aos familiares.

Valiam-se então as companhias baleeiras de cidadãos cabo-verdianos e açorianos que ao chegarem à América, por lá ficavam.

Quantas semelhanças – “mutatis mutandis” – entre a atividade baleeira produzida, em larga escala, pelos Estados Unidos e a atividade baleeira, mais tarde realizada em todas as ilhas dos Açores!

Também aqui existiram conflitos entre tripulações, armadores e industriais, a maioria das quais constituída por gente carenciada que ansiavam, meses a fio, o pagamento das soldadas para satisfazer dívidas de bens alimentares e de outra ordem, pois, só a pouca terra lavrada e o gado da porta ia mantendo a fome de famílias inteiras.



2. A partir de domingo passado, ao lado do Capitão Anselmo, a Câmara Municipal das Lajes do Pico, erigiu o Busto do Escritor-baleeiro José Dias de Melo, da autoria de Rui Goulart, assinalando o centésimo aniversário do seu nascimento.

“Do fumo do meu cachimbo” título de crónicas do Autor é também a marca

simbólica deste operário da escrita, defensor dos baleeiros e do homem explorado, oprimido, injustiçado, ofendido na sua dignidade, mas merecedor de respeito e consideração pela gente da terra. Gente que, por razões económicas, enfrentava e arpoava o monstro marinho. Só para sobreviver, respeitando e temendo sempre a natureza e a vida no mar donde lhe vinha o minguado sustento. Ao contrário do que se possa afirmar, só as carências sociais que bradavam aos céus, foram as únicas e mais fortes razões que mobilizaram os baleeiros açorianos. Nunca o desejo de dizimar o maior monstro marinho, como alguns alegados ambientalistas, pretendam fazer crer.

Imbuídos desta cultura e identidade tradicionais, jovens de ambos os sexos que entusiasticamente participam nas regatas de botes baleeiros, a remo e à vela, não são já testemunhas das expetativas, angústias e dificuldades que afligiam centenas de famílias de baleeiros, enquanto durava a baleação.

Eles, porém, continuam sendo protagonistas e heróis de competições tradicionais que animam ainda as festas de algumas localidades baleeiras, graças à manutenção e recuperação do património baleeiro, nomeadamente, lanchas e canoas.

Como há meio século, o envolvimento da população é enorme e as saudáveis rivalidades mantêm-se.

Antigamente, uma canoa ao matar um cachalote, enfiava no dorso do animal a bandeira do bote, sinalizando o grande feito. Hoje o mesmo gesto celebra a vitória numa regata.

No adro da Igreja da Calheta de Nesquim, Dias de Melo, com o cachimbo à “brave sailor”, ali permanecerá recordando às gerações presentes e futuras o amor pelo mar traduzido na sua vasta produção literária muita, propositadamente, acabada no “Alto da Rocha do Canto da Baía”.



¹Wellington Castellucci Junior, “Baleias e o Império: os Estados Unidos e a expansão baleeira nos mares do Atlântico Sul (1761-1844)”, rev. hist. (São Paulo), n.180, a10219, 2021, <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.165401>

²Sérgio Ávila/Ermelindo Ávila, “A ILHA DO PICO E A CAÇA À BALEIA”, separata da revista INSULANA, Ponta Delgada.